



Comunicação COVID19

Ponto de situação 9 de julho

Casos Confirmados

45.277 CASOS DE COVID-19

MAIS 418 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,93%

Óbitos

1.644 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 13 VÍTIMAS MORTAIS (+ 0,79%)

NORTE-821

CENTRO-248

LISBOA E VALE DO TEJO-527

ALENTEJO-18

ALGARVE-15

AÇORES-15

MADEIRA-0

Outros dados

30.049 CASOS DE RECUPERAÇÃO

1.480 AGUARDAM RESULTADOS

13.584 CASOS ATIVOS

(Confirmados Menos Recuperados e Óbitos)

487 INTERNADOS (1,07%) / 73 UCI (0,16%)

QUI. 9 julho

Mais de 50% dos portugueses encara como “um dever” o consumo de produtos nacionais- Observador Cetelem Consumo 2020.

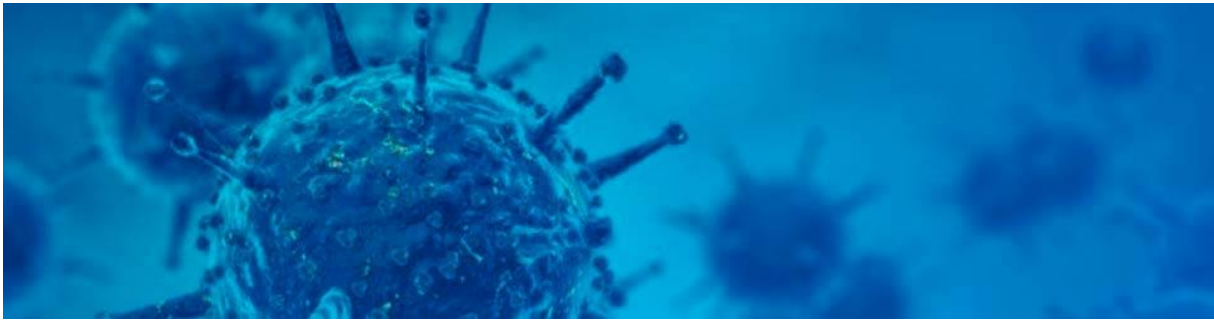
Investimento das empresas vai afundar 8,9% em 2020-INE.

Produção na construção acentua queda para 8,8% em maio-INE.

Portugal com 23.º pior regime para atrair investimento- OCDE.

Mais de 50 milhões de pessoas em risco agravado de fome extrema em África – Oxfam.

Grandes fortunas e número de milionários aumentam 9% -



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição papel) BdP. Nomeados por Centeno para conselho consultivo querem sair. Francisco Louçã, João Talone, Murteira Nabo e Luís Nazaré colocaram os lugares à disposição. Tinham todos sido escolhidos pessoalmente pelo ex-ministro que agora vai liderar o supervisor. Covid-19. Marcelo quis acabar com reuniões com peritos para descolar de Costa. Calamidade vai ser renovada em 19 freguesias da Grande Lisboa. Surto no Hospital São José. Sucessores de Costa "vão ter de esperar bastante". Em entrevista, Carlos César aconselha o PCP e o BE a não abrirem nenhuma crise política. FCT rejeita candidaturas sem indicar avaliações. Reitor da Nova pediu estudo sobre faculdade e mecenas. João Sáâgua quer investigação aprofundada de dependência da Faculdade de economia dos seus mecenas. Polícias. Avança plano para prevenir racismo e xenofobia. Livro. Personalidade de Trump foi moldada por traumas de infância. Museu do Aljube. Historiadores e museólogos contestam escolha de Rita Rato para diretora. Associação. Pequenas salas de música ao vivo unem-se em tempos de crise. **(Online)** Ordens dos Médicos e Farmacêuticos excluídas de grupo de dispensa de medicamentos em proximidade. Mais covid-19, mais urgências e cansaço das equipas: o triplo desafio dos hospitais de Lisboa. Direção do Património Cultural soube pelos jornais que havia uma rua azul em Lisboa. Lei de Bases do Património Cultural obrigava câmara a pedir parecer prévio ao organismo, mas isso não aconteceu. Historiadores e museólogos contestam escolha de Rita Rato para direção do Museu do Aljube. Covid-19: 42% dos portugueses beberam menos durante o confinamento.



(Edição Online) Há explicadores pagos para fazer exames no lugar de alunos. Com grande parte da avaliação a ser feita á distância, centros de estudo e explicadores têm recebido propostas de universitários que

estão dispostos a pagar altas quantias para que um professor faça exame por eles. Para prevenir fraudes, instituições começam a pedir aos alunos que liguem som e câmara no computador. Covid afastou os turistas, mas rendas baratas continuam a não ocupar casas em alojamento local. Impostos. Portugal é o 23º pior a atrair investimento. Taxa média cobrada às empresas é de 25.6%. "Ninguém está a salvo". Inspetora-geral chama chefes das polícias para criar plano contra a discriminação. Menos de um ano depois, Governo volta a mexer no Código de Trabalho. Sobrinha de Trump revela como é o tio: "Um sociopata perigoso". Política, segredos obscenos e Hugh Grant na nova série da HBO. **(Online) Há universitários a pagar a explicadores para realizar exames no seu lugar.** Costa afirma que reuniões no Infarmed afinal continuam. E que a situação do país é "estável". Saída oficial da OMS. Estados Unidos têm mais a perder do que a ganhar. Estado de calamidade permanece em 19 freguesias da Área Metropolitana de Lisboa.



(Edição papel) Polícia reformado tira vida a dois GNR. Condutor em excesso de velocidade. Choque brutal em autoestrada. Responsável por colisão com ferimentos ligeiros. Triplo homicida suspeito de assassinar

mais duas pessoas. Investigação da PJ. Cabecilha de Gang de Valbom e antigo recluso mortos por ex-paraquedista. Quadros da educação. Professor efetivo aos 66 anos. Advogado de Sócrates vítima de cancro. Benfica reforça cofres em 15 milhões para Jesus. Fundo de Resolução. Novo Banco pede mais 200 milhões de euros. Banco de Portugal. Nomeação de Centeno alvo de ação na justiça. Violência doméstica. Mulher morta por companheiro em Olhão.



(Edição em papel) Entrega de armas à polícia triplica com mudança na lei. Mais de 137 mil retiradas das ruas e destruídas nos últimos cinco anos pela PSP. Desde julho de 2019 deixou de ser possível ter

armamento em casa sem licença de uso e porte. Imigrantes de Lisboa e Porto são agora as principais vítimas da pandemia. "Salvei-a, mas ela já tinha empurrado o filho para o

poço". José testemunhou tragédia em Mirandela. Escola apanhada de surpresa. Eduardo "era um doce" e a mãe "vivia para ele". Educação. Um em cada cinco alunos chumba no final do secundário. Mário Centeno. PS isolado na nomeação para governador. Novo Banco. Prejuízo de 329 milhões na venda de imóveis. Acidente na A1. Carro em excesso de velocidade fatal para dois jovens GNR. FCPorto. Adivinha-se a festa do título. Futebol. Benfica e Sporting não querem Taça da Liga.



(Edição em papel) Marcelo, Costa e Ferro não colocaram perguntas na última reunião com os peritos. Especialistas alertaram

para aumento de contágios em idoso. Lisboa regista 102 surtos e o Norte 21. Escócia, Bélgica e Finlândia excluem Portugal dos corredores turísticos. Morreu João Araújo, o advogado que se surpreendeu por ainda estar vivo. Centeno. IL avança com providência cautelar para travar nomeação. Amianto. Estado gastou 16 milhões com 296 edifícios, mas faltam 3868. Fecho da Cervejaria Galiza. PCP acusa Governo de ser "conivente". Mexicanos querem fechar fronteiras aos EUA por causa da covid-19. Tivoli. Xutos & Pontapés regressam hoje aos palcos em Lisboa.



(Edição em papel) Proteção no desemprego vai variar por freguesia.

Acesso mais fácil ao subsídio de desemprego depende de despedimento ter ocorrido durante estado de emergência ou calamidade. Já só há 19

freguesias nesta situação, que será hoje estendida pelo Governo. Ronaldo das Finanças brilhou mais cá do que na Europa. Mário Centeno preside hoje à última reunião como líder do Eurogrupo. Economistas da Católica avisam para risco de crise financeira. Benfica sobe emissão de dívida de 35 para 50 milhões. Inscrições na ADSE abrangem precários com novo vínculo. Gestora do MARL quer "filho" na Margem Sul. Repsol pede incentivos iguais nas energias renováveis. **(Online) PwC vê crise como um "acelerador de negócios".** Costa afirma que reuniões no Infarmed continuam e situação do país é estável. Governo garante que não vai congelar carreiras na Administração Pública. Oito candidatos na corrida para suceder Roberto Azevedo na liderança da OMC. Tecnologias ofuscam ventos da covid, desemprego e incerteza política nos EUA.



(Online) Do Novo Banco à pandemia, os 7 trabalhos de Centeno na supervisão da banca. A mudança do cargo de ministro das Finanças para ser governador do Banco de Portugal não significará menos dores de cabeça. Estes são os sete trabalhos de Mário Centeno no supervisor da banca. Entrada de ex-precários reforça sustentabilidade da ADSE e baixa média de idades. Benfica aumenta oferta de dívida para o retalho para 50 milhões de euros. Crise mostrou “preço a pagar por excessiva desregulação” do mercado de trabalho, diz António Costa. Espanhola Nadia Calviño à frente da corrida para substituir Centeno. “Se não tivesse havido a privatização, a TAP acabaria”. Miguel Frasquilho defende a entrada dos acionistas privados David Neeleman e Humberto Pedrosa “foi essencial para providenciar os fundos de que a TAP necessitava para sobreviver”. 7.000 famílias pediram ajuda à Deco desde o estado de emergência. Mais de 70% devido à pandemia.



(Online) Insolvências aumentam 52% em junho em comparação com o período homólogo de 2019. Pedro Nuno Santos sobre a TAP: “Governo não tem nenhum prazer especial em injetar 1.200 milhões de euros”. Costa afirma que reuniões no Infarmed continuam e situação do país é estável. Crescimento da economia portuguesa poderá cair até 17% este ano, estima Católica. “Não antecipo que haja condições”. Governo deverá manter estado de exceção nas 19 freguesias da Área Metropolitana de Lisboa. Escócia mantém quarentena para chegadas de Portugal. Eurogrupo elege hoje presidente, no adeus de Centeno e na estreia de João Leão. Bruxelas dá ‘luz verde’ a investimento de 50 milhões de euros para modernizar linha ferroviária Lisboa-Cascais. Mais de 50% dos portugueses encara como “um dever” o consumo de produtos nacionais.



(Online) Portugal com 23º pior regime para atrair investimento. Taxa média efetiva de impostos cobrada às empresas atinge os 25,6%, mantendo-se inalterada em 2019, segundo a OCDE. Bélgica põe Portugal no grupo de alto risco do turismo. Finlândia reabre fronteiras a 17 países, Portugal de fora. Costa espera manter estado de calamidade em 19 freguesias. Turismo não vai poder ajudar à recuperação económica.

OBSERVADOR

(Online) Sem privatização, "TAP teria acabado" em 2015. O chairman da TAP distribuiu elogios a todos os acionistas no programa Sob Escuta, da rádio Observador. E reconheceu que o prejuízo no grupo este ano será "avultado". Lay off é para continuar. Equipa de peritos criada pela DGS não se reúne desde fevereiro e deixou de ser ouvida nas decisões. Peritos dizem que deixaram de ser ouvidos em fevereiro. Já não fazem as normas, só as reveem. E as reuniões no Infarmed tinham muita informação, mas era muito complexa. Governo queria soluções. PR e PM terminam reuniões do Infarmed. Em silêncio. PSD diz que "Governo falhou" ao não evitar exclusão da lista britânica. Sociais-democratas consideram que AML devia ter sido isolada. Afinal o novo coronavírus transmite-se pelo ar? Carta de 200 cientistas alertou que há provas de que a Covid-19 se transmite por aerossóis e OMS confirmou. Mas isso não é novidade e não muda muito do que já fazemos. Como? Os especialistas explicam. Oxfam alerta: fome pode matar mais que a Covid-19.

E
SEMANÁRIO
& DIÁRIO

(Online) O Direito depois da pandemia: é "indispensável" libertar insolventes das dívidas em menos tempo e repensar a Lei da Proteção Civil. Marcelo e Costa combinaram acabar com as reuniões. Os epidemiologistas foram os últimos a saber. Costa nega que reuniões do Infarmed tenham acabado: vão ser marcadas "quando se justificar". Chumbo do Reino Unido para ponte aérea faz cancelar 70% das reservas em Portugal. Isenção fiscal para a Champions? PSD, PCP e CDS não dizem se aprovam, mas há acordo internacional para isso. Covid. "A incógnita é se vamos chegar à imunidade de grupo com enorme custo de vidas humanas ou se vai ser possível agir antes disso", Raquel Lucas, investigadora e docente na Faculdade de Medicina e no Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto. Transmissão do vírus pelo ar é a "mais provável" de todas. Especialista põe em causa recomendações da DGS e OMS. Manifesto ataca o hidrogénio como "aventura" em que o país não pode embarcar. Pedro Nuno descola de Costa. Votar em Marcelo? "Se não houver candidato do PS voto num do BE ou do PCP". Jovens portugueses criam dispositivo que acaba com os segredos da tosse.



(Online) Abertura de fronteiras. Finlândia de portas fechadas para Portugal. "Isto não é tirarmos da cartola mais uma medida que ajuda a resolver o problema", diz Costa. Governo já admite revisão em alta do déficit para 7% do PIB este ano.



(Online) Parques de diversões (e não só) já podem abrir. Que decisões? Eurogrupo. Centeno despede-se da liderança com mensagem de confiança. Pandemia agravou fome no mundo e pode matar mais que a doença.

SÁBADO

(Edição em papel) As incríveis aventuras dos portugueses que ficaram em África. Perfil íntimo do ator Nuno Lopes: A juventude na Amadora, amores e o clube de fãs na Índia. Grandes empresas privadas afastam mulheres das comissões executivas. Comentadores e Empresários SA. São CEO em grandes e pequenas empresas, presidentes de assembleias-gerais e...aparecem na televisão. Devem calar-se ou basta dizer: atenção, que tenho interesse nisso? Ministro nomeou Boy para a NAV. Nacionalidade à venda. Empresas usam "facilidades" na lei para que judeus sefarditas tenham passaporte português- que publicitam como o eldorado: dá benefícios fiscais e entrada sem visto nos EUA. COVID-19 usada em guerra socialista. Falhas no controlo da pandemia e ideia de crise política a prazo geram nervosismo. Críticas de Medina a Cordeiro são já sinal de um tabuleiro de poder a mexer no PS. As mulheres têm poder nas empresas cotadas em bolsa. **(Online)** "A licença de parto deveria ser de 6 meses e remunerada a 100%". Bolsonaro pode ter infetado centenas de pessoas com a covid-19. Covid-19: Costa diz que 19 freguesias vão continuar em estado de calamidade. Morreu João Araújo, advogado de José Sócrates. Universidade Nova cria comissão para avaliar relação da Nova SBE com privados. José António Saraiva condenado por devassa da vida privada.

VISÃO

(Edição em papel) Covid-19. Segunda vaga no verão? O risco de novos surtos após o desconfinamento. Os números que assustam o mundo. Conselhos para se proteger. Consequências para a economia. Corrida à cura. As vacinas e os medicamentos mais avançados. As escutas que tramam Luís Filipe Vieira. De olhos postos na vacina. "Cada ampola de Remdesivir demora seis a oito meses

a ser produzida, Vítor Papão, Diretor Geral da Gilead em Portugal. Segunda onda roubaria mais de 7 mil milhões à economia portuguesa. Viagem aos bastidores de uma quase nacionalização. **(Online) Governo britânico oferece 50% de desconto aos cidadãos para irem comer fora.** Pode vir aí uma “epidemia” de danos cerebrais alimentada pela Covid-19. Inflamação, psicose, delírio são algumas das complicações neurológicas ligadas à Covid-19 e um grupo de cientistas alerta que podemos vir mesmo enfrentar uma vaga de danos cerebrais- equipa de cientistas da University College London, no Reino Unido. Ministro garante que cursos superiores não vão mudar para modelo de ensino à distância.



(Online) Metade dos portugueses considera consumo de produtos nacionais "um dever". Estudo conclui que a criação de emprego e o desenvolvimento económico são os principais motivos apontados pelos portugueses para considerarem que o consumo de produtos made in Portugal é "um dever". Reunião do Eurogrupo. A reunião de hoje do Eurogrupo, vai escolher o 4.º presidente da história desta organização. Pedro Nuno Santos não apoia Marcelo Rebelo de Sousa nas eleições presidenciais. Declarações de Pedro Nuno Santos, em entrevista à RTP3. Ataque informático ao portal das matrículas. O Centro Nacional de Cibersegurança garante que não tem indícios de comprometimento dos dados dos encarregados de educação ou dos alunos, por causa do ataque informático ao portal das matrículas. Hoje é apresentada a Associação Portuguesa de Enoturismo.



(Online) Afinal, Governo só reabre os carrosséis e não é hoje. O esclarecimento foi feito à Renascença pelo secretário de Estado do Comércio, Serviços e Defesa do Consumidor. António Costa garante que afinal, haverá novas reuniões no Infarmed. O primeiro-ministro diz que o próximo encontro não foi marcado, porque a situação pandémica está estabilizada no país e não há informação nova e relevante para partilhar. Costa assegura ainda que esta pausa nas reuniões não está relacionada com as tensões que vieram a público. Membros do conselho consultivo do BdP nomeados por Centeno disponíveis para sair. Carlos César avisa Pedro Nuno Santos e Fernando Medina, se querem ser líderes do PS bem podem esperar sentados. Em entrevista à Renascença e ao jornal "Público", o presidente

do PS diz que há legítimas aspirações à liderança, mas não vai ser para já. Pedro Nuno Santos foi entrevistado na última noite na RTP, recusa apoiar uma candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa às presidenciais, diz que, mesmo que o PS não apresente candidato, Marcelo não será para ele uma opção.



(Online) Reabertura das atividades recreativas e de lazer e de diversão para crianças e adultos.

Pedro Nuno Santos em entrevista. O ministro das Infraestruturas assume que não será possível, garantir a totalidade dos postos de trabalho na TAP. Pedro Nuno Santos que chegou a afirmar que talvez fosse possível evitar despedimentos, diz agora em entrevista à RTP 3 que não pode garantir que venham a ser suficientes os 1200 milhões de euros que o estado tem reservado para injetar na companhia. Reunião no Infarmed. Foi manifestamente exagerada a notícia do fim das reuniões no Infarmed. António Costa revela que estes encontros entre especialistas de saúde e líderes políticos são afinal para continuar. O primeiro-ministro diz que não foi agendada a próxima reunião, simplesmente porque a situação pandémica em Portugal está estabilizada. Bélgica vai incluir Portugal na lista de países de risco. Eurogrupo: sucessor de Centeno é hoje escolhido. Membros do conselho consultivo do BdP nomeados por Centeno disponíveis para sair. COVID-19 está a aumentar a fome no mundo.



A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- ❑ Vírus já matou mais de 545.000 pessoas e infetou quase 12 milhões no **MUNDO**.
- ❑ **ESPANHA** regista quatro mortes e novos casos mais do que duplicam.
- ❑ **ITÁLIA** registou 15 mortes associadas à doença covid-19 nas últimas 24 horas, elevando para 34.914 o número de vítimas mortais contabilizadas.
- ❑ **ALEMANHA** regista 442 novos casos de Covid-19 e mais 12 mortes. No total, o país contabiliza 197.783 infetados e 9.048 óbitos.
- ❑ **REINO UNIDO** registou 126 mortes, supera 44.500 no total.
- ❑ **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA** ultrapassaram a barreira dos três milhões de casos confirmados da covid-19, depois de nas últimas 24 horas terem registado mais de 55.000 infeções.
- ❑ **BRASIL** ultrapassa 1,7 milhões de infetados e aproxima-se das 68 mil mortes. Oxfam identifica Brasil como "zona emergente" de fome extrema.
- ❑ Número de mortos em **ÁFRICA** sobe para 12.206 em mais de 522 mil casos
- ❑ **CHINA** regista nove novos casos, todos oriundos do exterior
- ❑ **MÉXICO** identificou 6.995 infetados nas últimas 24 horas, atingindo um novo recorde de casos diários, e registou 782 mortes.
- ❑ **ÍNDIA** regista 487 mortes e quase 25.000 casos em 24 horas.
- ❑ **IRÃO** regista máximo diário de 221 mortes e tem agora mais de 250 mil casos
- ❑ Mais de 50 milhões de pessoas em risco agravado de fome extrema em África –
OXFAM
- ❑ OMS anuncia criação de comité independente para avaliar resposta a pandemia.



FRASES DO DIA

- **"O país encontra-se numa situação estável"**, António Costa, Primeiro Ministro.
- **"A nosso ver isso só mostra que campeia a descoordenação entre países, muitos deles Estados-Membros da União Europeia, e por isso mesmo é que a nossa posição tem sido sempre de que o compromisso tomado pelos nossos ministros da Administração Interna em junho foi o de reabrir o espaço Schengen e devemos fazê-lo"**, Augusto Santos Silva, Ministro dos Negócios Estrangeiros.
- **"Deixar cair a TAP teria um custo superior a 1200 milhões de euros"**, Pedro Nuno Santos, Ministro das Infraestruturas.
- **"Podemos garantir postos de trabalho a todos os trabalhadores da TAP? Não. Estaríamos a mentir a todos nós e a enganar-nos a todos nós. Não temos operação, nem se perspetiva que [a empresa] venha a ter nos próximos anos uma operação que justifique a dimensão que a TAP tem. Nós temos de fazer este trabalho com cuidado e respeito pelos trabalhadores"**, Pedro Nuno Santos, Ministro das Infraestruturas.
- **"Não havendo um candidato presidencial do meu partido votarei num dos candidatos do PCP ou do BE"**, Pedro Nuno Santos, Ministro das Infraestruturas.
- **"Se não tivesse havido a privatização, a TAP acabaria"**, Miguel Frasquilho, chairman da TAP.
- **"Nenhum país do mundo fez como o Brasil. Preservamos vidas e empregos sem espalhar pânico, o que também leva à depressão e à morte"**, Jair Bolsonaro, Presidente do Brasil.
- **"A China está pronta para falar se os Estados Unidos quiserem. Somente o diálogo pode evitar mal-entendidos"**, Wang Yi, ministro dos Negócios Estrangeiros chinês.
- **"É muitas vezes dito que a doença não conhece fronteiras. Não se importa com as diferenças políticas, não olha às distinções que fazemos entre saúde e**

economia, vida e subsistência. A pandemia de covid-19 rasgou-as todas”,
Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor Geral da OMS.



ARTIGOS SELECIONADOS

O que é que os indicadores já nos mostram sobre a queda histórica do PIB no segundo trimestre?

A atividade económica afundou em abril, na sequência da paragem forçada ditada pelo confinamento para travar a pandemia de Covid-19. E em maio, apesar do início do desconfinamento, as melhorias foram pouco visíveis. Indicadores sinalizam timidez da retoma da atividade. O Expresso mostra-lhe os números

Interrupção quase total. Foi este o cenário vivido no turismo em Portugal no mês de abril. Com a resposta à pandemia de Covid-19 a decretar o confinamento e fecho de fronteiras, o sector “parou”. Os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) não deixam margem para dúvidas: quebras homólogas de 97% tanto no número de hóspedes, como de dormidas. Mostram ainda que o cenário foi pouco diferente em maio, apesar do início do desconfinamento. O sector voltou a sofrer quebras de perto de 95% em termos homólogos.

Para junho, não há dados disponíveis, mas com as viagens aéreas ainda muito limitadas, a margem para melhoria é limitada, consideram os economistas. E o cenário para este

Verão é pouco animador, face à decisão de países como o Reino Unido de excluir Portugal dos “corredores aéreos”, ou seja da lista de países destino onde os turistas ficam dispensados de cumprir quarentena no regresso a casa. O Algarve, por exemplo, fala já num Verão “desastroso”.

O exemplo do turismo, que tem importância acrescida por o sector ter sido um dos principais motores da economia portuguesa nos últimos anos, mostra uma fotografia do país que se repete em outros indicadores: a atividade económica afundou em abril e em maio, com raras exceções, as melhorias são pouco visíveis. É certo que os dados disponíveis para maio ainda são parcelares e, em relação a junho, ainda quase não há informação disponível. Mas, a lista de indicadores compilados pelo Expresso traçam um cenário negro para o segundo trimestre e não restam dúvidas de que a economia portuguesa terá sofrido uma quebra histórica.

É isso que sinalizam os indicadores coincidentes mensais do Banco de Portugal para a atividade económica e para o consumo privado que procuram captar a evolução subjacente à evolução homóloga do Produto Interno Bruto e do consumo privado. Em maio voltaram a registar uma redução acentuada, tal como já tinha acontecido em abril, caindo para mínimos históricos.

Vamos a dados. A produção industrial sofreu uma queda de 27,4% em abril, em termos homólogos, com a contração em maio a ser quase da mesma ordem, nos 26%. O recuo no volume de negócios na indústria foi ainda mais acentuado, mas segue o mesmo padrão: abril foi péssimo, com uma quebra de 33,3% em termos homólogos, e maio foi quase igual, com uma queda de 31,2%.

O consumo médio de eletricidade em dia útil ilustra a “hibernação” do país em abril, com uma contração de 13,8% em termos homólogos, a maior de sempre de toda a série do INE. E, apesar do desconfinamento em maio, o recuo foi quase da mesma ordem: menos 13,2%. O que mostra a dificuldade em engrenar de novo a economia. Já no consumo de gasóleo rodoviário e de gasolina, as fortes quebras de abril (menos 47,2% e menos 58,6%, respetivamente, na comparação homóloga) aliviaram em maio, mas continuaram a ser severas: menos 33,3% e menos 33,4%, respetivamente.

As vendas no comércio a retalho são uma das poucas exceções nesta panóplia de indicadores. É que apesar de maio ainda ter registado uma quebra homóloga no índice

do volume de negócios, ela foi bem menos expressiva do que em abril: menos 13,1% contra menos 22,2%.

Outra exceção é o sector da construção, que constitui um verdadeiro caso à parte no cenário de crise que a economia portuguesa tem vivido nos últimos meses. O sector não teve restrições de atividade durante o período de confinamento e o consumo de cimento cresceu, em termos homólogos, em abril e maio, desacelerando apenas um pouco face aos meses anteriores.

A INCÓGNITA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Uma das grandes incógnitas que permanecem sobre o segundo trimestre é a dimensão da quebra no comércio internacional de bens. É que, para já, apenas há dados disponíveis relativos a abril, que mostram uma forte contração das exportações (menos 39,8% na comparação homóloga nominal) e das importações (menos 39,1%). Os números referentes ao mês de maio deverão ser publicados pelo INE esta sexta-feira e ajudarão a perceber melhor o impacto da frente externa no comportamento da economia nesse período.

Em sentido contrário, a confiança dos consumidores e o clima económico são dois dos poucos indicadores para os quais já há dados disponíveis não apenas para maio, mas também para junho. E o que nos dizem? Ao nível dos consumidores, o indicador de confiança aumentou em maio e junho, recuperando parcialmente da maior quebra da série do INE, observada em abril e que originou o valor mínimo desde maio de 2013, em plena crise económica e financeira. Ainda assim, em junho, este indicador estava no patamar mais baixo desde abril de 2014, altura em que a troika ainda estava em Portugal.

Quanto ao clima económico, que traduz a confiança dos empresários, os dados do INE indicam que aumentou em maio e junho – sobretudo em junho – após ter caído em abril para o valor mínimo de toda a série.

Apesar desta melhoria na confiança, os últimos resultados do inquérito rápido e excecional às empresas, do INE e do Banco de Portugal, relativo à segunda quinzena de junho, deixam um sinal de alerta sobre a timidez da recuperação da economia após a “paragem forçada”. É que mais de mês e meio após o início do desconfinamento, e quando a retoma da atividade devia estar já a ganhar força, 37% das empresas referiram

uma estabilização do seu volume de negócios em comparação com a quinzena anterior e outros 28% sinalizaram mesmo uma redução. Um aumento da faturação foi apontado apenas por 34% das empresas.

Quanto ao mercado de trabalho, a taxa de desemprego não dá, para já, sinais de alarme. Pelo contrário, a estimativa provisória do INE (ajustada de sazonalidade) aponta para uma redução para 5,5% em maio.

Mas, o número pode ser ilusório. É que o emprego está em queda (em maio recuou 2,2% face abril e 4% em termos homólogos) e a situação de pandemia pode ter levado muitas pessoas sem trabalho a não procurar ativamente emprego ou não estarem disponíveis no imediato para trabalhar, empurrando-as para as fileiras da inatividade, segundo os critérios metodológicos usados pelo INE. Sinal disso, a taxa de subutilização do trabalho (que apanha estas pessoas) está a subir em força, atingindo 14,2% em maio (estimativa provisória), mais 0,8 pontos percentuais do que em abril e mais 1,2 pontos percentuais do que em maio de 2019.

Ao mesmo tempo, o número de desempregados inscritos nos centros de emprego esta a subir em força, atingiu 384,5 mil pessoas em maio, mais 36,2% em termos homólogos (aumento de 24% em abril). E, até 15 de junho, voltou a subir, para 395,3 mil pessoas, o que traduz um agravamento de 43,3% por comparação com o final de junho de 2019.

Fonte: **EXPRESSO**

Transmissão do vírus pelo ar é a “mais provável” de todas. Especialista põe em causa recomendações da DGS e OMS

Um grupo de 239 cientistas pediu em carta aberta à Organização Mundial de Saúde que reconheça que o vírus da covid-19 também pode ser transmitido pelo ar e Manuel Gameiro da Silva, do Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, foi um deles. O tom que utiliza em entrevista é o mesmo da carta: o uso de máscara deve ser obrigatório mesmo na rua e as autoridades devem ter equipas mais multidisciplinares, “caso contrário vamos continuar a ter recomendações que estão maioritariamente incorretas”

Manuel Gameiro da Silva, professor do Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, foi um dos 239 especialistas que alertaram, numa carta aberta dirigida à Organização Mundial da Saúde (OMS), para a possibilidade de o vírus da covid-19 poder transmitir-se através do ar, por aerossóis - isto é, pequenas partículas que, quando expelidas, ficam suspensas no ar.

Os signatários querem que o organismo internacional altere as suas recomendações e assuma que nem manter uma distância de segurança nem lavar as mãos muitas vezes pode ser suficiente para que se evite a contaminação com o vírus.

Crucial é mesmo o uso de máscara e garantir uma boa ventilação, seja nas nossas casas, seja em locais e transportes públicos, com particular atenção aos autocarros, “que têm taxas de renovação de ar relativamente modestas” e “valores preocupantes de concentração de CO₂”, diz o também vice-presidente da Federação Europeia das Associações de Aquecimento, Ventilação e Ar Condicionado, em entrevista ao Expresso.

Porque é que decidiram enviar esta carta à Organização Mundial de Saúde?

A razão principal é a seguinte: a OMS tem definido as suas políticas e medidas de prevenção com base num pressuposto que consideramos que está errado. Há três modos transmissão do vírus: através de aerossóis, de gotículas e através do contacto. Os três modos estão associados a gotas de dimensões diferentes, que podem ser divididas em classes. Há desde logo as pequenas, que vão desde 0 até 10 micrões (unidade de comprimento) de diâmetro, e que são aquelas que, se num dia de inverno expirarmos, vemos aquilo a que chamamos o nosso bafo, uma pequena nuvem. O que acontece com estas partículas muito pequenas é que, devido à relação entre as forças da gravidade e as forças aerodinâmicas, a seguir às correntes que existem numa sala não caem e formam aquilo a que chamamos partículas em suspensão, os tais aerossóis.

Depois, há o modo de transmissão por gotículas...

Sim, de partículas com dimensões entre 10 micrões e 50 micrões. Dada a sua trajetória horizontal, podem passar da boca de uma pessoa para outra que esteja à sua frente, é mais ou menos como um tiro ao alvo. Como vão perdendo velocidade à medida que se deslocam no ar, até caírem finalmente, foi estabelecida, no contexto desta

pandemia, a regra do distanciamento social. Elas percorrem uma distância de até dois metros, daí que se duas pessoas estiveram mais distanciadas do que isso diminui a probabilidade de haver contaminação do vírus. Finalmente, temos as partículas de maior dimensão, acima de 50 micrones, onde se inclui aquilo a que chamamos vulgarmente perdigoto. Caem a distâncias muito mais curtas, porque são muito maiores.

Mas a 'novidade' deste estudo e da carta enviada à OMS está nas primeiras que referiu, certo?

Que o modo dos aerossóis funciona na transmissão de doenças, não há dúvidas. Foi isso que aconteceu, aliás, com os casos de legionella em Vila Franca de Xira - a bactéria estava na água da torre de arrefecimento que, quando evaporava, criava aerossóis de água, tendo havido pessoas infetadas a três, quatro, cinco quilómetros de distância. Claro que há um conceito importante aqui, que é o limiar de infecciosidade, isto é, a quantidade de vírus ou bactérias que uma pessoa tem de receber para que fique infectada. O momento da infecção é como que uma espécie de combate, como se eu tivesse um castelo que está a ser assaltado e tenho atacantes que, neste caso, são os elementos patogénicos; mas também tenho quem me defenda, que é o meu sistema imunitário. A grande questão, no caso da covid-19, é que ainda não sabemos qual a carga viral necessária para uma pessoa ficar infectada, sendo certo, desde já, que haverá variações consoante a idade, o estado de saúde da pessoa e outras. Segundo um estudo realizado por uma equipa alemã de um laboratório de microbiologia, este vírus multiplica-se muito mais no interior do organismo das pessoas infectadas do que o da SARS, de 2002. Esses investigadores chegaram à conclusão que o atual vírus pode gerar colónias que podem ser até mil vezes mais numerosas.

E qual a relação entre isso e os tais aerossóis?

O resultado disto é que os aerossóis passam a vir com uma carga viral claramente superior ao que acontecia em vírus anteriores. E, por isso, há uma maior probabilidade de esse limiar de infecciosidade ser excedido e haver contaminação dessa forma. Imagino que a OMS, quando apresentou como principais modos de transmissão as gotículas e o contacto, não tenha considerado a possibilidade de as gotas, pequenas ou grandes, virem carregadas de vírus e de os aerossóis, nesse caso, poderem ter a capacidade de infectar. Além disso, é muito mais fácil inalarmos aerossóis do que

alguém conseguir acertar-nos diretamente no nariz com uma gota saída da boca. E isso também é mais fácil do que alguém projetar uma partícula para cima da mesa e, a seguir, eu conseguir tocar exatamente no sítio onde essa partícula caiu e depois levar a mão à cara no momento em que estou a inalar.

Na terça-feira, uma especialista dizia ao Expresso que até agora pensava-se que só havia produção de aerossóis em determinados procedimentos médicos...

De facto, tem sido uma enorme surpresa para mim descobrir que a classe médica está maioritariamente convencida de que os aerossóis só são produzidos em manobras médicas, como a intubação de pessoas. Quando estamos a respirar, metade das partículas que expelimos são aerossóis. Em qualquer evento respiratório, as pessoas produzem aerossóis. Em meados de março foi publicado um trabalho que comparava a persistência dos vírus e havia a indicação de que este podia permanecer viável em aerossóis até três horas. Depois disso, uma diretora de serviço da OMS deu uma conferência de imprensa a dizer que, com base nestes resultados, sugeria-se aos profissionais de saúde que usassem máscara sempre que estivessem numa situação, um ato médico, em que se gerassem aerossóis. Aparentemente, nem na própria OMS havia a noção de que na respiração se formam estas partículas muito pequenas. E isto para mim é grave e mostra uma coisa: que tanto no organismo internacional como na própria Direção-Geral da Saúde as equipas têm uma composição monodisciplinar. Estamos a falar de problemas complexos que têm de ser abordados por equipas multidisciplinares, de diferentes áreas. Caso contrário, vamos continuar a ter recomendações que estão maioritariamente incorretas ou erradas.

Mas falta ainda perceber se os aerossóis têm uma carga viral acima do limiar de infecciosidade, certo?

Há vários episódios detalhados e publicados em estudos em que se prova que determinado contágio teve de ocorrer através dos aerossóis. Há o caso do restaurante chinês, sobre o qual já se falou, e há outro caso, o de um ensaio de um coro nos EUA. Já com o vírus em circulação, resolveram marcar um ensaio, mas com todas as medidas de segurança: as pessoas desinfetaram as mãos aos chegar, trouxeram pautas de casa para não haver troca de objetos, garantiram a distância dita de segurança. Ainda assim, dos 60 elementos que participaram nesse ensaio, 40 ficaram infectados. Porquê?

Porque estiveram a cantar e deu-se uma grande concentração de aerossóis no ar. Bastou um ou dois estarem infetados para todos os outros também ficarem. Há ainda o episódio do Algarve, da festa em Odiáxere, onde a disseminação do vírus num período de tempo tão curto indica que também houve este tipo de transmissão. Era importante que as autoridades fizessem uma análise detalhada das condições de ventilação daquele espaço.

Mas a transmissão por aerossóis é então mais provável do que os outros dois tipos?

Creio que sim. Fiz uma análise dos dados da pandemia em três países com a mesma população — República Checa, Portugal e Suécia. Estes três países, onde a pandemia surgiu mais ou menos na mesma altura, durante grande parte do tempo da evolução do surto aplicaram medidas de forma diferente. As medidas na República Checa foram desenhadas de maneira a proteger relativamente aos três modos de transmissão: fez-se confinamento, divulgaram-se recomendações de etiqueta respiratória e, a partir do 10.º dia de surto, o uso de máscara tornou-se obrigatório para toda a gente que saísse de casa. Em Portugal, também houve confinamento e foram decretadas medidas de distanciamento e higiene, mas durante a maior parte do tempo em que o surto estava mais ativo não havia uso obrigatório de máscara - até se dizia, aliás, que a máscara dava uma falsa sensação de segurança. Já a Suécia utilizou a estratégia da imunidade natural e só protegeu a população da transmissão do vírus por contacto. Foram encerrados liceus e universidades, mas bares e esplanadas mantiveram-se abertos.

Mas a que conclusões chegou através dessa análise?

Analisando os dados - e na minha opinião o indicador mais comparável é o número de pessoas internadas em cuidados intensivos, porque é contabilizado da mesma forma em todo o lado - percebe-se que, por exemplo, no dia 23 de abril, havia 75 pessoas internadas nos cuidados intensivos na República Checa, 210 em Portugal e 530 na Suécia. A diferença do número de casos tem que ver, na minha opinião, com a utilização de máscara, porque foram pessoas que foram contaminadas, em mais de 60% dos casos, através de aerossóis.

Durante quanto tempo pode o vírus permanecer no ar?

Há duas coisas diferentes, que são: durante quanto tempo estão no ar e durante quanto tempo estão viáveis. Os estudos que foram efetuados apontavam para um tempo de

permanência do vírus nos aerossóis de pelo menos três horas. Ao fim desse tempo, ainda eram viáveis, ainda tinham capacidade para infectar. O tempo que as partículas estão em suspensão está associado à sua dimensão, ou seja, quanto mais pequenas, mais tempo permanecem no ar.

Mas isso em ambientes interiores, certo?

Sim, nos ambientes exteriores o vírus é aniquilado pela componente ultravioleta da radiação solar. Para aniquilar completamente, são necessários cerca de dez minutos, portanto qual a consequência disto? É que na rua, se estivermos próximos de um grupo de pessoas, devemos sempre utilizar máscara. Se estivermos numa zona onde o chamado R_t , o número médio de contágios causados por cada pessoa infectada, é superior a 1, como é o caso de Lisboa e Vale do Tejo, devemos mesmo fazê-lo. Aliás, o desconfinamento na região de Lisboa falhou, e a situação está como está, porque as pessoas não foram obrigadas a usar máscara quando saíam de casa. Só estão a utilizá-las nos transportes públicos ou edifícios públicos, mas mesmo as paragens de autocarro são locais preocupantes, porque acumula-se ali muita gente sem máscara. Isso e os bares à noite, onde se juntam grupos numerosos de pessoas a pouca distância umas das outras, estando reunidas todas as condições para haver transmissão. Se estou a falar com uma pessoa que está a um metro de mim, o vírus faz esse trajeto em menos de um segundo. Decretar o uso obrigatório de máscara é mesmo a medida mais importante para cortar as linhas de transmissão do vírus.

O que fazer para evitar este tipo de transmissão?

O mais importante são as máscaras e a ventilação. Se faço entrar ar novo, a quantidade de vírus por metro cúbico vai diminuir. E, apesar de não ser suficiente para evitar a contaminação, a distância também acaba por ser importante, porque a concentração de vírus também vai diminuindo à medida que me afasto da pessoa infectada. Ainda assim, não considero segura a indicação de que as pessoas podem estar nas praias a metro e meio. Na minha opinião, na transmissão do vírus por aerossóis não se pode falar em distância de segurança.

Porque não considera segura essa indicação?

Porque não é distância suficiente para que a concentração diminua de uma forma significativa. E ainda há outra nuance: é que nos ambientes interiores, as partículas de

maior dimensão, com mais carga viral, responsáveis pela transmissão através do contacto e das gotículas que saem quando tossimos ou espirramos, caem a um ou dois metros, mas se estiver na praia, com o vento a grande velocidade, as partículas fazem trajetórias maiores e em vez de dois metros caem a distâncias maiores. Repito: o que a DGS deveria fazer era tornar obrigatório o uso de máscara para quem vai para sítios com ocupação múltipla, sejam ambientes interiores ou exteriores. Com uma recomendação adicional — a de que, quando se sai para beber um copo com alguém, se beba à vez, isto é, um tira a máscara para beber mas o outro mantém-na, e depois trocam.

A mesma especialista de que lhe falei dizia também que se deve ponderar o tempo que passa nesses locais de possível exposição ao vírus. Concorda?

Esse é outro aspecto importante: para a pessoa ficar infectada, o que conta é a dose, e a dose tem a ver também com isso. A dose é pequena se levarmos entre dez a 15 minutos para fazer uma refeição num restaurante, mas é mais elevada quando se passa duas horas numa esplanada. Ainda assim, diria que o problema não é estar meramente em locais fechados, mas sim fechados e com ocupação múltipla, com várias pessoas que não sejam nossas familiares ou com quem não costumamos conviver.

Ainda assim, há locais que o preocupem mais do que outros?

Sim, preocupam-me sobretudo os transportes públicos, particularmente os autocarros. Os critérios utilizados para o dimensionamento dos nossos autocarros relativamente à ventilação foram critérios que tiveram em conta, principalmente, os poluentes químicos. As taxas de renovação de ar que se utilizam são relativamente modestas. Há algum tempo, desenvolvi um sistema de monitorização para fazer uma avaliação da qualidade ambiental interior. Através de uma espécie de pen, que liga ao computador e tem um conjunto de sensores, é possível medir a concentração de CO₂, a temperatura, a humidade relativa, entre outros indicadores. Durante quase um ano, monitorizei as condições em praticamente todas as viagens que fiz em transportes públicos. Um bom indicador de qual é a taxa de renovação, do caudal de ar novo que temos num espaço, é a concentração de CO₂ em determinado espaço, quando ele está ocupado por pessoas. Portanto, quanto menos ventilação, maior a concentração, e os valores a que eu cheguei a partir dessa análise aos autocarros são preocupantes. Uma boa ideia seria

tentar usar todas as possibilidades de ventilação, nestes espaços, de forma permanente. Alguns autocarros têm extratores ou clarabóias que normalmente se utilizam quando está calor e nessa altura deveriam andar com tudo isso aberto. Outra coisa a fazer é aumentar o tempo de paragem com as portas abertas. E, ainda, garantir que as pessoas trabalham em turnos desfasados, para minimizar os picos de ocupação nos transportes públicos.

E como assegurar esta ventilação nos restantes locais?

Os sistemas de ar condicionado domésticos podem ser usados à vontade, porque o ar condicionado não altera a concentração média de vírus no espaço, mas apenas o padrão de circulação de ar. Ainda assim, considero importante abrir as janelas de tempo a tempos, para fazer entrar ar novo. Nos edifícios maiores, com sistemas centralizados, como os centros comerciais e hospitais, há a possibilidade de definir quanto ar novo e quanto ar reciclado queremos que entre, mas nesta situação de pandemia devemos optar apenas por ar novo. Este é mais um dos aspectos em que as recomendações da DGS são evidência de um grande desconhecimento. Falam em seis renovações de ar por hora, alguém lhes atirou esse número mágico, seis renovações para tudo; mas se seis renovações servem perfeitamente para um edifício residencial, para os autocarros são uma catástrofe.

Fonte: **EXPRESSO**

Do Novo Banco à pandemia, os 7 trabalhos de Centeno na supervisão da banca.

A mudança do cargo de ministro das Finanças para ser governador do Banco de Portugal não significará menos dores de cabeça. Estes são os sete trabalhos de Mário Centeno no supervisor da banca.

Mário Centeno foi acusado de “abandonar o barco” quando o país se prepara para enfrentar uma grave crise. Mas a mudança do cargo de ministro das Finanças para ser governador do Banco de Portugal não significará menos dores de cabeça. Porque há questões pendentes em vários bancos, desde logo no Novo Banco (com o rasto do BES).

E também porque o impacto do surto de Covid-19 também vai afetar o setor. Estes são os sete trabalhos do novo governador do Banco de Portugal.

NOVO BANCO E FARDO DO BES

Mário Centeno conhece bem o dossiê do Novo Banco. E a sua opinião sobre a resolução do BES também é conhecida. “Foi a mais desastrosa resolução bancária alguma vez feita na Europa”, disse há poucas semanas, ainda vestia a pele de ministro das Finanças.

Governo mandata Deloitte para nova auditoria ao Novo Banco

O Novo Banco, já se sabe, vai pedir mais dinheiro ao Fundo de Resolução no próximo ano (tendo em conta os prejuízos que terá este ano) e o seu CEO, António Ramalho, já deixou antever que pedirá a totalidade dos 3,89 mil milhões de euros a que tinha direito ao abrigo do mecanismo de capital contingente. Mas a incerteza em relação a este processo não termina com o fim dos pedidos ao Fundo de Resolução.

Há contingências associadas à resolução do BES. Muitos processos em tribunal ainda à espera de decisão e que poderão aumentar a fatura da medida aplicada há seis anos. Quanto ao Novo Banco, o contrato de venda ao Lone Star contém cláusulas que poderão aumentar os encargos potenciais para o Fundo de Resolução. Isto para lá do acordo mencionado na notificação da Comissão Europeia relativa à ajuda de Estado ao Novo Banco, segundo o qual o Estado se responsabilizará por capitalizar o Novo Banco num cenário adverso (backstop) através de uma injeção direta ou da garantia pública à emissão de instrumentos de capital Tier.

EUROBIC E O LUANDA LEAKS

A solução para o impasse acionista no EuroBic já esteve mais perto. O Abanca esteve prestes a adquirir o banco a Isabel dos Santos e a outros investidores angolanos, incluindo Fernando Teles, mas o negócio caiu à última hora por desacordo em relação ao preço. Ao que o ECO apurou, os galegos terão oferecido cerca de 160 milhões, um valor que os donos do EuroBic consideraram irrisório.

Após a queda do negócio, o Banco de Portugal disse estar a acompanhar de perto o banco. Quando saíram as primeiras notícias sobre o caso Luanda Leaks, envolvendo Isabel dos Santos e alegadas transferências irregulares de contas do Estado angolano para uma offshore no Dubai, o EuroBic sentiu um forte impacto ao nível dos depósitos

— veio-se a saber depois, a fuga de depósitos ascendeu a 600 milhões ao longo do primeiro trimestre, em parte recuperados em abril e maio.

Isabel dos Santos colocou novamente a sua posição de 42,5% à venda. Disse estar a negociar com investidores que já tinham manifestado interesse no banco. Também não é ainda claro se o Abanca desistiu por completo do negócio.

O caso Luanda Leaks poderá ter mais repercussões para outros bancos, como é prova disso a nacionalização da Efacec. De acordo com o Expresso, Isabel dos Santos devia 570 milhões a 13 bancos.

DESAFIO MONTEPIO

Ainda há dias, o presidente da Associação Mutualista Montepio Geral (AMMG) rejeitou qualquer cenário de apoio público ao grupo, apesar dos rumores de necessidade de ajuda que vieram nos jornais nos últimos meses. “Se a pergunta é para o banco, o banco está estável. Se a pergunta é para associação, não é uma situação de capital. Não compreendemos porque é que a questão surge. Nessa medida, não é uma questão de descartar, é uma questão que não faz sentido na nossa leitura”, disse Virgílio.

Para o Banco de Portugal, a entidade sob sua alçada é o Banco Montepio, enquanto a tutela e a supervisão mutualista continua a ser responsabilidade do regulador dos seguros.

Os desafios do Banco Montepio são enormes, como deu conta uma nota da Fitch na semana passada, depois de ter cortado o rating da instituição: Rácios de capital frágeis e abaixo dos níveis regulamentares, baixa rentabilidade, elevado nível de malparado e necessidade de reestruturação a rede para voltar a reposicionar-se no mercado. Para já, o banco liderado por Pedro Leitão avançou com o fecho de 31 balcões, não se sabendo ainda o impacto ao nível dos trabalhadores.

MORATÓRIAS ANTES DO MALPARADO

A pandemia virou o mundo do avesso. O confinamento travou a economia. Enquanto se procura recuperar do impacto intenso na atividade económica, foram lançadas medidas para “anestesiar” os efeitos do coronavírus, como as moratórias no crédito, que permite que famílias e empresas em dificuldades possam pagar os seus empréstimos aos bancos mais tarde.

Mas as moratórias têm um prazo: final de setembro ou, para quem estiver em maiores apuros, 31 de março de 2021. É a partir daí que poderão surgir os maiores problemas, como o Banco de Portugal já assumiu no último Relatório de Estabilidade Financeira. “As consequências económicas e financeiras desta pandemia poderão prolongar-se muito para além do fim previsto do período de vigência dos regimes de moratórias, pelo que, após o seu término, poderá ocorrer um aumento do incumprimento das obrigações de crédito tanto dos particulares, como das empresas”.

Por outras palavras, o impacto da crise nos bancos será inevitável, nomeadamente no que diz respeito ao aumento do crédito malparado. Se uma boa parte dos bancos está agora em boa posição para lidar com os efeitos da crise, há outros que nem por isso.

A banca fez um esforço na redução dos empréstimos problemáticos nos últimos anos, mas continua a apresentar um rácio elevado. Os últimos dados indicam que o rácio de malparado se situava nos 6,1% no final de 2019, abaixo dos 17,5% registados no final de 2015.

RENTABILIDADE DA BANCA

Outro dos impactos da pandemia será na rentabilidade dos bancos. O setor já não era propriamente muito rentável: perdas com crédito, estruturas pesadas para um negócio cada vez mais digital, custos regulatórios penalizam o setor.

A crise do coronavírus vai implicar um reforço das provisões para eventuais perdas com crédito. A banca já o está a fazer. No primeiro trimestre, e por precaução, as principais instituições colocaram de lado mais de 200 milhões de euros para responderem a potenciais incumprimentos de famílias e empresas. Isto penalizou os resultados dos bancos em grande medida. E assim deverá continuar nos próximos trimestres.

Em junho de 2019, o ROE dos bancos portugueses fixou-se nos 5,3%, acima dos 0,9% registados em 2015. Apesar da melhoria, a pandemia poderá representar um novo “caminho das pedras” para o setor.

INFLUÊNCIA DOS BANCOS ESTRANGEIROS

Se o Abanca tivesse comprado o EuroBic, era mais um banco espanhol a reforçar-se no mercado português. Já não há muitos bancos de base acionista portuguesa. Contam-se a Caixa Geral de Depósitos, o Banco Montepio e o Crédito Agrícola, para mencionar os maiores.

A “espanholização” da banca portuguesa não é um tema novo, mas foi ganhando outros contornos nos últimos anos depois de o BPI ter sido adquirido pelo CaixaBank e o Santander Totta se ter tornado num dos maiores bancos por cá. Se o Bankinter, hoje com uma presença modesta no mercado nacional, confirmar o seu interesse no Novo Banco, como já deixou indicações, então quatro dos cinco maiores bancos passarão para as mãos de nuestros hermanos.

Já houve manifestos a alertar para o domínio espanhol no setor português. A pandemia e, sobretudo, as respostas desiguais dos vários governos europeus à crise, poderão acelerar estes movimentos de consolidação.

ASCENSÃO DAS BIGTECH

É uma reclamação antiga dos banqueiros: a diferença nas exigências regulatórias que os bancos têm de cumprir face àquilo que está a ser exigido às fintech e bigtech como a Google, Apple e Facebook que estão de olhos postos no setor financeiro.

Do lado dos bancos, é legítimo pedir regras iguais para todos os que atuam no mercado de depósitos e empréstimos. Do ponto de vista do regulador, a questão deverá ser vista com equilíbrio sob pena de o excesso regulatório travar a inovação ou de o defeito regulatório criar vantagens para os novos estreantes no setor financeiro.

Em todo o caso, a tecnologia e a digitalização continuará a ser um fator cada vez mais relevante para os bancos. E isso também deverá impor um olhar diferente da parte do supervisor.

Fonte: **ECO**



OPINIÃO

Até para o ano, no Infarmed!

No princípio da pandemia, quando tudo parecia seguir uma ordem fácil de acompanhar, muitos (Expresso incluído) dedicaram-se a analogias com guerras e chefes políticos do séc. XX. A precipitação tem destas coisas: tivessem recuado mais um pouco, a Atenas

ou a Roma, e teriam percebido que a verdadeira analogia de uma pandemia é... uma pandemia.

Simplificando, vivemos num contexto de total incerteza, com um vírus novo e de comportamento imprevisível, por tempo indeterminado. Nada é mais terrível para os políticos, os que dirigem e os outros. Falar é quase sempre falar cedo demais. Declarar vitória é dar tempo à derrota na curva seguinte. Afirmar é fazer figas. Orientar é tentar manter as coisas a andar.

As reuniões do Infarmed foram o exemplo máximo disso. Começaram como um encontro raro da política e da ciência e acabaram como normalmente acontece à política e à ciência, coisas com tempos e critérios diferentes: foi cada uma à sua vida.

Marcelo, que durante algumas semanas exerceu o cargo de epidemiologista-mor do Reino no final dessas reuniões, anunciou que ontem tinha sido a última, para poucas horas depois o primeiro-ministro dizer que não é bem assim. As reuniões hão de voltar, quando forem necessárias. Parece que coordenaram o tema, mas que improvisaram no anúncio. Nada de novo. Os cientistas foram os últimos a saber. Também, nada de novo. O Expresso exarou assim a declaração de óbito: “Quando, na semana passada, Rui Rio defendeu que estas reuniões entre políticos e epidemiologistas tinham perdido utilidade e deviam acabar, Marcelo achou que a sugestão do líder do PSD devia ser ponderada e ligou ao primeiro-ministro. António Costa achou bem, com uma ressalva: deviam esperar para ver como corria a reunião de hoje”. Pensado, dito e feito.

Depois disto, os políticos podem começar a despedir-se como os judeus fizeram durante séculos: até para o ano, no Infarmed! A terra prometida da união e da concórdia é agora uma miragem. Resta a pandemia, o seu lento dia a dia e a sucessão de notícias, dúvidas e incertezas.

Ricardo Costa, Diretor de Informação da SIC

Fonte: **EXPRESSO**

Editorial - O governador Centeno versus o ex-ministro Centeno

A audição de Mário Centeno na Assembleia da República foi uma boa mostra das dificuldades que terá nos momentos difíceis que se anteveem no seu cargo de

governador do Banco de Portugal (BdP). Todas as reservas e críticas que a oposição em bloco fez à sua nomeação foram legítimas e pertinentes. E todas as respostas do ex-ministro das Finanças foram evasivas ou insuficientes na argumentação. Mário Centeno acredita que a sua competência e a sua experiência no governo ou na frente europeia são razões suficientes para ser governador. Sê-lo-iam, se o cargo fosse isento de atritos políticos ou blindado quanto ao clima de suspeição que o condiciona. Sê-lo-iam também se quem está nesses lugares assumisse de forma clara e transparente as suas responsabilidades. Portugal, para o bem e para o mal, não é assim.

Como os deputados da oposição provaram, a nomeação de Centeno carrega o pesado fardo do seu passado político. Quando, e se, Mário Centeno tiver de decidir sobre a CGD, na qual interveio como agente do acionista Estado, quando, e se, for obrigado a intervir no Novo Banco, em cuja venda participou mesmo que só ao nível do aval político, é óbvio que o fará sob a condição de ex-ministro. Quando, e se, o fizer, será lógico que se invoque o código de conduta do BdP na parte em que se avisam os seus dirigentes sobre a sensibilidade de “interesses pessoais” que resultem de “anteriores experiências profissionais”. No caso de ter de decidir sobre a Caixa, o Novo Banco ou o Montepio, é lícito considerar que Centeno se empenhará em proteger o seu passado político enquanto ministro.

Na audição desta terça-feira, Centeno percebeu todos esses riscos e salvou-se com a boia que tinha à mão: dizendo que nada teve que ver com o que se passou nos bancos enquanto foi ministro. É pouco. Mas ninguém acredita que ficasse congelado no momento em que, por exemplo, o BdP vendeu o Novo Banco à Lone Star.

Mário Centeno dá-nos garantias de competência e honorabilidade para decidir em nome do interesse público. Mas a questão que a sua nomeação coloca vai muito para lá da sua honorabilidade, competência ou sentido de serviço público. Centeno vai ter de caminhar num pântano onde – como aconteceu com Carlos Costa – faça tudo ou o seu contrário será sujeito a dúvidas, a críticas e a suspeitas. Só uma absoluta distância do passado político e da história recente da banca o salvaria da suspeição. Centeno não terá essa boia. É mau para ele. E mau para a credibilidade da supervisão do sistema financeiro.

Manuel Carvalho, Diretor do jornal Público.

Fonte: **PÚBLICO**

A China como bicho-papão económico

Muitos economistas ocidentais presumem que os governos não são muito bons em identificar indústrias que merecem apoio e que os consumidores e contribuintes domésticos incorrem na maior parte dos custos. Pela mesma lógica, se os formuladores de políticas chineses efetivamente direcionaram atividades em que os benefícios sociais excedem os benefícios privados, não está claro por que os estrangeiros deveriam reclamar.

CAMBRIDGE - Quando o COVID-19 se espalhou da China para a Europa e depois para os Estados Unidos, os países atingidos por pandemias se viram numa louca disputa por suprimentos médicos - máscaras, ventiladores, roupas de proteção. Muitas vezes, era para a China que eles tinham que se virar.

Quanto piores fundamentos e previsões econômicas se tornam, mais misteriosos são os resultados do mercado de ações nos EUA. Numa época em que as notícias genuínas sugerem que os preços das ações deveriam estar em alta, não atingindo recordes, explicações baseadas na psicologia das multidões, na viralidade das idéias e na dinâmica das epidemias narrativas podem lançar alguma luz.

Quando a crise eclodiu, a China havia se tornado o maior fornecedor mundial de produtos-chave, respondendo por metade de todas as importações de equipamentos de proteção individual na Europa e nos EUA . "A China lançou as bases para dominar o mercado de suprimentos médicos e de proteção nos próximos anos", de acordo com reportagem recente do New York Times .

Quando a China se voltou para os mercados globais, teve a vantagem de fornecer praticamente ilimitado mão-de-obra barata. Mas, como todos já reconhecem, as proezas manufatureiras da China não são o resultado de forças de mercado irrestritas.

Como parte da política Made in China 2025, o governo chinês objetivou aumentos ambiciosos na participação dos produtores domésticos de suprimentos médicos globais. O relatório do New York Times explica em detalhes como o governo forneceu terras baratas para as fábricas chinesas, concedeu empréstimos subsidiados, instruiu empresas estatais a produzir materiais essenciais e estimulou as cadeias de suprimentos domésticas, exigindo que hospitais e empresas usassem insumos locais.

Por exemplo, Sichuan, a segunda maior província da China, reduziu pela metade o número de categorias para as quais eram permitidas importações de equipamentos médicos. A maioria dos hospitais era obrigada a comprar tudo localmente, com apenas os principais hospitais autorizados a trazer suprimentos do exterior.

A mídia ocidental agora está repleta de relatos da "tentativa da China de dominar engrenagens importantes na máquina industrial global", nas palavras do New York Times novamente. Cada vez mais, o papel da China na economia mundial é retratado em termos que lembram não o “comércio em dobro”, mas a agressão imperial. O crescente autoritarismo do presidente chinês Xi Jinping e os crescentes conflitos comerciais com os EUA também se enquadram nessa narrativa.

As tensões estratégicas e geopolíticas entre os EUA e a China são reais . Eles estão fundamentados no crescente poder econômico e militar da China e na relutância dos líderes americanos em reconhecer a realidade de um mundo necessariamente multipolar. Mas não devemos permitir que a economia se torne refém da geopolítica ou, pior, reforçar e ampliar a rivalidade estratégica.

Para iniciantes, devemos reconhecer que um modelo econômico misto, orientado pelo estado, sempre esteve na raiz do sucesso econômico chinês. Se metade do milagre econômico da China reflete sua vez nos mercados após o final da década de 1970, a outra metade é o resultado de políticas governamentais ativas que protegiam velhas estruturas econômicas - como empresas estatais - enquanto novas indústrias eram geradas por uma ampla variedade de indústrias. políticas.

O povo chinês foi o principal beneficiário, é claro, experimentando a redução mais rápida da pobreza na história. Mas esses ganhos não ocorreram às custas do resto do mundo. Longe disso. As políticas de crescimento que hoje despertam a ira de outros

países são a razão pela qual a China se tornou um mercado tão grande para exportadores e investidores ocidentais.

Mas as políticas industriais chinesas não são injustas para os concorrentes em outros lugares, como os implantados em suprimentos médicos?

Devemos ter cautela antes de chegar a esse veredicto. A justificativa padrão para a política industrial é que novas indústrias produzam repercussões na aprendizagem, externalidades tecnológicas e outros amplos benefícios sociais que tornam desejável o apoio do Estado. Mas muitos economistas ocidentais presumem que os governos não são muito bons em identificar indústrias que merecem apoio e que os consumidores e contribuintes domésticos incorrem na maior parte dos custos. Em outras palavras, se a política industrial chinesa foi mal orientada e mal direcionada, é a própria economia da China que sofreu como resultado.

Pela mesma lógica, se os formuladores de políticas chinesas efetivamente direcionaram atividades em que os benefícios sociais excedem os benefícios privados, produzindo melhor desempenho econômico, então não está claro por que os estrangeiros deveriam reclamar. É o que os economistas chamam de "consertar falhas do mercado". Faz tanto sentido que pessoas de fora queiram impedir o governo chinês de seguir tais políticas, como faz para impedir que um concorrente libere seus mercados.

Isto é especialmente verdade quando a externalidade em questão é global, como no caso das mudanças climáticas. Os subsídios chineses para painéis solares e turbinas eólicas produziram um declínio no custo de energia renovável - um enorme benefício para o resto do mundo.

Mas os produtores chineses raramente são acusados de sustentar preços, que é a marca do poder de mercado. Mais frequentemente, a reclamação é o oposto. Tais considerações provavelmente se aplicam mais às empresas americanas e européias, que freqüentemente são os atores dominantes nos mercados de alta tecnologia.

Nada disso é argumento para outros países permanecerem ociosos enquanto a China progride para indústrias cada vez mais sofisticadas. Os EUA, por exemplo, têm uma longa história de políticas industriais bem-sucedidas, principalmente em tecnologias relacionadas à defesa. Atualmente, existe amplo acordo político no espectro político

dos EUA de que o país precisa de uma política industrial mais explícita, visando bons empregos, inovação e economia verde. Um projeto de lei apresentado pelo principal democrata do Senado dos EUA, Chuck Schumer, propõe gastar US \$ 100 bilhões nos próximos cinco anos em novas tecnologias.

Grande parte do novo impulso para a política industrial nos EUA e na Europa é motivada pela "ameaça" chinesa percebida. Mas considerações econômicas sugerem que esse é o foco errado. As necessidades e remédios estão na esfera doméstica. O objetivo deve ser construir em casa economias mais produtivas e mais inclusivas - não simplesmente superar a China ou tentar minar seu progresso econômico.

Dani Rodrik, Professor da Universidade de Harvard e Prémio Princesa das Astúrias para as Ciências Sociais 2020

Fonte: **Project Syndicate**

